

O SENTIDO REVOLUCIONÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS BRASILEIROS (1962-1964): ENTRE O NACIONAL, REGIONAL E O GLOBAL.

Gabriel de Paula

Universidade Federal de Goiás (UFG)

“É desta ressonância do novo que se deseja recolher o sentido de tempo e de transformação de um futuro concluído em um porvir cheio de esperança”.

Gilberto Mendonça Teles

1- Entre o sonho e a realidade:

A década de 1960 é um daqueles momentos históricos em que a realidade histórica atinge o seu paroxismo. As maiores utopias nacionais foram sonhadas na mesma intensidade em que foram desconstruídas. Sonho e realidade colidiram frontalmente: reformas e golpes deram o diapasão do período.

O tempo da contradição em 1960, iniciou-se em meio ao caos político da renúncia de Jânio Quadros em 1961 e a transformação de João Goulart em “presidente por acaso” (FICO,2014). A subida de João Goulart na presidência do Brasil era a manutenção de um projeto varguista e trabalhista. Os anos de governo Jango (1961-1964), estiveram desde uma política de “conciliação nacional” até a radicalização e a aproximação com as esquerdas, tendo como base as Reformas de Base (FERREIRA,2003).

Nessa situação política que oscilava entre as promessas de futuro e a ameaça do obscurantismo golpista e antidemocrático, surgia em 1960, nos momentos finais do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) a Universidade Federal de Goiás e na mesma situação surgia em Brasília o projeto sonhador da criação da Universidade de Brasília (1962), idealizada por Darcy Ribeiro que nos diz

aprovei o primeiro Plano Nacional de Educação, pondo em exercício o mandato da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada pelo Congresso. A mais marcante das minhas atividades foi, porém, a mobilização do professorado e também da estudiantada para uma enorme campanha de escolarização de todas as crianças e de alfabetização dos adultos. (RIBEIRO, 2014, p.40).

A conexão entre as duas universidades federais, a goiana e a brasiliense, está não apenas na proximidade geográfica e coincidência do contexto histórico: ambas foram idealizadas no contexto utópico da década de 1960, foram golpeadas em 1964 e dialogaram para a concretização do Centro de Estudos Brasileiros (CEB) dentro da Universidade Federal de Goiás em 1962.

2- O Centro de Estudos Brasileiros (CEB):

No dia 9 de fevereiro de 1962 criou-se o Centro de Estudos Brasileiros (CEB)¹, conforme a Resolução n. 12 do Conselho Universitário (cf. Boletim da UFG, n. 5, vol. III, jan/jun. 1962, p. 6-8); em 11 de março do mesmo ano o CEB foi posto em funcionamento.

No contexto da jovem Universidade Federal de Goiás, a criação do CEB é um momento fundamental na elaboração de um projeto de reflexão sobre a realidade nacional e regional. Fruto da colaboração do professor Agostinho da Silva (UNB) o centro se propunha como um espaço de reflexão e ensino das ciências humanas.

A gestão universitária em curso no momento da criação do CEB, possuía na reitoria o professor Colemar Natal e Silva e na estrutura própria do CEB, a direção estava nas mãos de: Gilberto Mendonça Teles (diretor geral), Bernardo Élis (diretor de ensino), Juarez de Brito (diretor de pesquisa) e Ático Vilas Boas (diretor de documentação).

Em seu curto período de duração, 1962 até 1964, o CEB realizou vestibular para o curso de Estudo Goianos e desenvolveu aulas em áreas diversas como História, Geografia, Língua Portuguesa, Literatura, Economia e outros. A estrutura curricular e as áreas de atuação do corpo docente, evidenciam o projeto das humanidades como foco norteador do CEB. Consultando o quadro de professores do CEB, o corpo docente era formado por intelectuais já integrados ao campo intelectual goiano e nacional:

¹ Doravante utilizaremos apenas a sigla “CEB”.

- 1- Amália Hermano Teixeira: História política, econômica e social do Brasil;
- 2- Antônio Theodoro da Silva Neiva: Antropologia Cultural do Brasil;
- 3- Bernardo Élis: Geografia Econômica e Humana do Brasil;
- 4- Domingos Félix de Souza: Cultura brasileira;
- 5- Élder Rocha Lima: História da Arte no Brasil;
- 6- Genezi de Castro e Silva: Cultura Francesa;
- 7- Gilberto Mendonça Teles: Literatura Brasileira;
- 8- Joaquim de Assis Costa: Estatística;
- 9- Padre José Pereira de Maria: Sociologia brasileira;
- 10- Lena Castelo Branco: História política contemporânea;

A breve existência do CEB foi marcada pelos desdobramentos repressivos do golpe civil-militar em 1964 e a sua atuação autoritária sobre as unidades universitárias brasileiras. A desestruturação do CEB se deu a partir do ofício-circular n. 214/ 64-G, de 20 de abril de 1964 e suas atividades foram encerradas por meio da Portaria n.217/64, assinada pelo então reitor Jerônimo Geraldo de Queiroz em 3 de dezembro de 1964.

A leitura do ofício e da portaria apresenta uma estrutura argumentativa típica pautada pela apresentação de termos como “subversivos”, “elementos comunistas”, “credo vermelho” e outros recorrentes no imaginário político do então governo militar pós-1964. Nas palavras de Motta (2014, p48) a estrutura discursiva dos militares “expressou-se em linguagem política com base na lógica binária de ‘nós contra eles’, ou ‘democratas’ contra ‘comunistas’, segundo as representações dos apoiadores do golpe”.

O resultado das intervenções em Universidades ao longo do Regime Militar (1964-1985) foi pautado por contradições e paradoxos. “O grande paradoxo da ditadura era expressar, simultaneamente, impulsos conservadores e modernizadores que, por vezes, geraram ações contraditórias” (MOTTA,2014, p. 51). As ações autoritárias eram por vezes difusas e sem planos claros. Tratava-se antes de tudo de expurgos contra os chamados “subversivos”.

Frente às décadas de ostracismo, em 2013, durante a gestão do então reitor Edward Madureira Brasil, o CEB foi reestruturado, tendo como diretor geral o professor da UFG Wolney Unes e os editores Anselmo Pessoa Neto e Antón Corbacho Quintela. Na estrutura do Conselho Editorial estão: Anselmo Pessoa Neto – Faculdade de Letras (UFG), Antón Corbacho Quintela – Faculdade de Letras (UFG), Edward Madureira Brasil – Escola de Agronomia (UFG), Gilberto Mendonça Teles – Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Lisandro Nogueira – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (UFG,) Tasso de Sousa Leite – Centro de Estudos Brasileiros (UFG), Wolney Unes – Escola de Música e Artes Cênicas (UFG).

Entre suas atividades renovadas, está a existência de uma página na internet (www.ceb.ufg.br), onde estão disponíveis todo o acervo administrativo da instituição desde a sua fundação em 1962, assim como as duas edições dos Cadernos de Estudos Brasileiros, lançados respectivamente em 1963 e 2013. A edição mais recente foi lançada após período de 50 anos e nas palavras do diretor original do CEB e membro do atual Conselho Editorial, Gilberto Mendonça Teles (2013, s.p.), “o material que ora se publica esteve guardado há 50 anos e dá bem a dimensão cultural do que se fazia pela cultura universitária em Goiás num lugar social que, embora novo, sonhava o melhor para Goiás e para o Brasil”.

Um elemento importante a ser analisado é a compreensão do CEB como um espaço do campo intelectual (BOURDIEU, 2011) em Goiás. Um ponto ainda longe de ser estudado de forma sistemática, passa necessariamente pela tentativa de entendimento do caráter oscilatório dos campos intelectuais em Goiás. De forma meramente ilustrativa podemos identificar duas experiências anteriores marcadas pela brevidade e não continuação: a Revista Informação Goiana (1917-1935) e a Revista Oeste (1942-1944). Acreditamos que o modelo interpretativo proposto por Bourdieu, pautado pelas ideias de “campo intelectual” e “*habitus*”, oferece uma janela interpretativa interessante. Para Bourdieu (2011, p. 190), o campo intelectual é um “sistema de posições predeterminadas abrangendo, assim como os postos de um mercado de trabalho, classes de agentes providos de propriedades (socialmente constituídas) de um tipo determinado”. Nessa lógica interpretativa os intelectuais estariam em uma condição de “fração dominada da classe dominante” (BOURDIEU, 2011, p.192). Um traço em comum com realidades históricas e sociais outras, é o fato da aproximação e dependência da classe intelectual goiana com o aparato estatal. Analisando a realidade do campo intelectual brasileiro entre os anos de 1920 e 1945, Sergio Miceli apresenta uma reflexão, hoje já clássica e útil para a compreensão da realidade goiana:

A maioria dos intelectuais desse período pertencia a famílias de “parentes pobres” da oligarquia ou, então, a famílias de longa data especializadas no desempenho dos encargos políticos e culturais de maior prestígio. Assim, as disposições manifestadas pelos diferentes tipos de intelectuais em termos de

carreira parecem indissociáveis da história social de suas famílias. (MICELI, 2012,p.81).

Basta identificar os “sobrenomes” do corpo docente do CEB e dos autores dos Cadernos de Estudos Brasileiros, para que identifiquemos o rol das “oligarquias goianas” sendo representado. A autonomia do campo intelectual em Goiás foi limitada pelas necessidades de financiamento estatal ou por ações repressivas, como no caso específico da intervenção e fechamento do CEB em 1964. O intuito nesse momento é basicamente identificar uma realidade ainda por ser melhor interpretada e não caminhar para uma reflexão mais ampla.

2.1- “O sentido revolucionário do Centro de Estudos Brasileiros”:

No ano de 1963, foi lançado pelo CEB, a edição do primeiro número dos Cadernos de Estudos Brasileiros, revista responsável pela divulgação dos “altos propostos e de suas atividades” (CEB, 1963, p. 9):

com a finalidade de pesquisar, estudar e ensinar aspectos da realidade brasileira – na convicção de que a vida é que faz a História, e só o imediato conhecimento das formas de cultura objetiva a solução dos problemas sociais. [...]Com o diálogo que agora abrimos, pretendemos, apesar de nossas limitações, pôr em foco e debater os problemas de Goiás e do País. (CEB,1963, p.9)

Na tentativa de reflexão do CEB como um campo intelectual, é possível perceber que o projeto em curso na Universidade Federal de Goiás, se encaixa em uma realidade mais ampla, isto é, nacional, onde buscava-se em meados do século XX construir uma nova historiografia nacional. Tentando deslocar de uma análise clássica da história intelectual à brasileira, caracterizada pelo simples hábito de “acrescentar à reprodução das ideias algum esforço no sentido de situar o pensador no seu contexto social” (CARVALHO, 2000), o entendimento do funcionamento do campo intelectual é peça fundamental de análise teórica, compreendendo “as forças de gravitação que comandam também as práticas e as ideologias dos intelectuais” (BOURDIEU, 2011, p. 197). Nesse sentido as “ideias nunca são totalmente separáveis de seu enraizamento em instituições, práticas e relações sociais” (RINGER, *apud* ALONSO, 2002, p.33).

No capítulo introdutório ao volume primeiro dos Cadernos de Estudos Brasileiros, o “sentido revolucionário” (CEB,1963) é apresentado como fruto de um contexto de rearranjo do campo universitário brasileiro, em curso nos anos 1950 e 1960, que buscava um “sentido brasileiro” (IDEM,1963) para o ensino superior. No contexto proposto das reformas de base, e principalmente pautado por uma lógica de reforma universitária,

as universidades brasileiras não têm, na verdade, cumprido bem os seus objetivos. Ao lado de esquemas rígidos de matérias ou cadeiras, imutáveis na sua seriação, outro aspecto existe que vem sendo acerbamente criticado: o das “cátedras vitalícias”. Sabemo-las fossilizando professores- donatários e em última análise atuando nocivamente no enriquecimento cultural do mestre, muitas vezes improvisado na função de catedrático (CEB,1963, p.9).

Além da tônica reformista do capítulo introdutório dos Cadernos de Estudos Brasileiros, um outro ponto é ainda tratado de forma mais enfática: “o ensino superior no Brasil está simplesmente afastado da realidade nacional” (CEB, 1963, p.10).

Atuando a partir de uma catedral de vidro, a universidade brasileira adotou, na visão *cebeana*, uma postura ausente, distante e elitista; a realidade brasileira, na sua problemática ampla e polissêmica, estaria fora do campo de visão e ação do campo universitário nacional:

Em vez de firmar-se no equilíbrio dessas duas dimensões – de profundidade e de cultura geral -, em vez de tomar consciência do homem brasileiro e levá-lo a preocupar-se consigo mesmo e com a sua responsabilidade social, em vez de interessa-lo nos problemas de sua pátria e no destino dos outros povos, a universidade brasileira omitiu-se até agora, preocupando-se apenas em dar-lhe uma educação erudita e de certo modo descomprometida (CEB, 1963, p. 10).

No viés da elaboração de uma interpretação original/nacional da realidade brasileira, o CEB e os Cadernos de Estudos Brasileiros, evocam o projeto/ação modernista de 1922: “Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos. Poesia de Importação, e A Poesia Pau-Brasil, de exportação. Apenas brasileiros de nossa época” (CEB, 1963, p. 11).

No mês de janeiro de 1962, por ocasião do primeiro aniversário da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a “Semana de Planejamento da UFG”, com a participação

de representantes da *intelligentsia* nacional e internacional. Dentre as falas galvanizadoras para a elaboração do CEB, situa-se a reflexão do Professor Agostinho da Silva, “mostrando quanto estão elas [as universidades brasileiras] ausentes de si mesmas, uma vez que parecem viver à margem dos problemas culturais do País” (CEB, 1963, p.13).

A criação e os objetivos do CEB, estariam conectados com os modelos já estabelecidos em outras instituições de ensino do Brasil: o Centro de Estudos Afro-Orientais (Bahia) e o Centro de Estudos Latino-Americanos (Rio Grande do Sul):

Deste modo, com os três “centros” em pleno funcionamento, poderia o Brasil tomar consciência de sua posição geo-cultural, do seu valor e, como dois braços fraternais estendidos sobre a África e o Oriente e sobre os países vizinhos da América, transformar-se num veículo de aproximação cultural dos dois hemisférios (CEB, 1963, p.13).

Importante ressaltar a presença, ainda em meados do século XX, que a dimensão analítica da realidade nacional, pressupunha uma reflexão que extrapolasse os limites territoriais da “nação”, buscando ressaltar o contexto de comunicação, contato e interação entre realidades mais amplas. Nessa perspectiva espacial, a localização do CEB em terras goianas, no sertão e mediana do Brasil, seria fundamental pois “somente no Planalto Central do Brasil, se verificam certas peculiaridades demográficas e sociais heterogêneas, funcionando como perfeita amostragem das mais diversas e diferentes regiões brasileiras (CEB, 1963, p. 13).

Uma dimensão outra, porém também substancial, articula o “sentido revolucionário” do CEB, com a necessidade de se estabelecer em uma realidade universitária que fosse nova e inovadora, “sem maiores compromissos com o passado, e onde se pudesse sentir uma necessidade constante de realização” (CEB, 1963, p. 13). O projeto utópico/idealista da geração de 1960, se reflete em sua intensidade pelo desejo de romper com os arcaísmos estereis de um modelo universitário inócuo e alienado da realidade social brasileira.

2.1.1- Os objetivos do CEB:

As dimensões pedagógica, cultural, histórica e sociológica, atuam como elementos norteadores do projeto *cebeano*. O caráter inovador/revolucionário evidencia-

se na gestão de um currículo flexível e pelo desejo de viabilizar aos alunos o contato com a dimensão da pesquisa. Tendo sido formalmente instaurado no dia 11 de março pelo então reitor Colemar Natal e Silva, colocou-se em funcionamento as atividades referentes ao curso de Estudos Goianos², sob a orientação do diretor do Departamento de Educação e Cultura da UFG, professor doutor Mário Lúcio Fleury de Campos Curado, e composto pelos professores Bernardo Élis, Amália Hermano, Antônio Neiva, Suzana Salles e Gilberto Mendonça Teles. Composta a primeira turma, mediante realização de exames vestibulares (13 e 14 de março), as atividades iniciaram no dia 15 de março em aula de Literatura, proferida pelo professor Gilberto Mendonça Teles.

Levando em consideração a dimensão da pesquisa, interpretação e ensino da realidade nacional e regional, porém buscando um diálogo fluido do ponto de vista das fronteiras e almejando um contato com realidades supra-nacionais, os objetivos do CEB pode ser apresentados nos seguintes termos (CEB, 1963, p.15):

- a) Formar professores de estudos brasileiros.
- b) Conhecer as possibilidades artísticas e científicas do Brasil, levando o aluno a especializar-se em cultura brasileira.
- c) Dar o exato valor da nossa evolução cultural, de modo a despertar maior interesse pelas nossas coisas e problemas.
- d) Formar especialistas em assuntos brasileiros, com amplas bases de conhecimento dos aspectos políticos, social, econômico e artístico do Brasil.
- e) Promover e executar investigações científicas de interesse para o conhecimento do Estado de Goiás e do Brasil.
- f) Através de palestra, seminário, e curso de extensão, mostrar ao povo, que não tem oportunidade de frequentar escolas superiores, as artes e a cultura brasileiras.
- g) Manter vivo intercâmbio com educadores, cientistas, escritores e políticos de projeção no cenário cultural brasileiro.
- h) Entrar em contato com estudantes estrangeiros, interessados no Brasil, proporcionando-lhes oportunidade de conhecer nossa cultura.

² “O curso de Estudos Goianos, que teve caráter de extensão cultural, funcionou em 1962, cumprindo as suas finalidades. E no corrente ano, segundo estava previsto, entrou também em funcionamento o curso de Graduação em Estudos Brasileiros ...” (CEB, 1963, p. 14).

Dentre os objetivos supracitados, vale ressaltar que a dimensão da formação de professores estabelece contato imediato com a demanda nacional à época, de se enfrentar o contexto do analfabetismo e de remediar as mazelas educacionais do país. Contudo uma esfera outra precisa ser observada: a pretensão abrangente no que diz respeito às áreas do conhecimento tratadas pelo CEB.

Estabelecendo um paralelo entre os objetivos do projeto *cebeano* e as temáticas apresentadas nos dois volumes dos Cadernos de Estudos Brasileiros, é evidente a variedade de áreas do conhecimento abordadas: História de Goiás, Sociologia Agrária, Literatura Goiana, Direito, História da Arte, História Política, Música, Sociologia Urbana, Antropologia e outros. A dimensão da formação era pautada por um aspecto generalista, contudo formado na forma de um mosaico, no qual as intersecções podem e deveriam ser possíveis. O “sentido revolucionário” está também presente na própria feitura do projeto pedagógico e didático.

Em ensaio publicado no volume 1, de 1963, dos Cadernos de Estudos Brasileiros, a figura central e galvanizadora do projeto *cebeano*, o intelectual português Agostinho da Silva (Universidade de Santa Catarina e Universidade de Brasília) diz que

de qualquer modo, os Centros [tais como o CEB], a partir de Goiás, ganharão sua batalha: têm inteligência, têm vontade, têm saber, têm paciência, têm coragem, têm iniciativa; e têm, para além disso, alguma coisa que vale muito mais: estão em consonância com o curso da História e o curso da História vai pelo caminho do Brasil e dos seus povos irmãos, não pelo caminho de alemães, americanos ou russos, bem próximos, e aliados no fundo; vai pelo caminho da convivência e não apenas da coexistência; vai pelo caminho de servir e não do poder; se não houvesse mais nada a fazer, poderiam os Centros, como no provérbio árabe, sentar-se numa pedra e ver passar o cadáver de seus inimigos; mas sempre dá um certo gosto apressar, para o que não vale, a jornada dos cemitérios; dos cemitérios com anônimas e abandonadas campas (CEB, 1963. p. 33-34).

A projeção de uma redenção tupiniquim, a promessa de um *milénarismo* à brasileira, e a perspectiva de um futuro luso-tropical estão em consonância com velhas utopias sempre prorrogadas e adiadas. A espera do eterno retorno e a crença nas forças libertadoras da *brasilidade*, tornaram o planalto central, o sertão e a jovem Universidade Federal de Goiás no epicentro de convergência das esperanças nacionais. O Brasil

novamente seria restabelecido pelo centro/sertão. Contudo o sonho e a utopia redentora foram consumidos pelo atraso, pelo obscurantismo e pela dessacralização do golpismo em 1964. “O sentido revolucionário do CEB” foi consumido e derrotado pelo sentido reacionário do golpe civil-militar. A parúsia nacional seria novamente adiada. Nas palavras de Gilberto Mendonça Teles, por ocasião do lançamento em 2013 do segundo volume dos Cadernos de Estudos Brasileiros:

Finda por aqui um passado que não teve futuro, a não ser a ressonância de um presente vivido com energia e desejo do melhor, segundo o termo *Aretê*, que vem desde Homero e toca sempre o espírito de quem vive a grandeza de um sonho (CEB, 2013, p. 2, n^o2).

FONTE

Cadernos de Estudos Brasileiros. Centro de Estudos Brasileiros (CEB). Goiânia, 1963.

Referências bibliográficas:

ALONSO, Angela. Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, José Murilo. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Topoi, n.01, jan/dez, p.123-152, 2000.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves Delgado e FERREIRA, Jorge. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FICO, Carlos. O golpe de 1964: momentos decisivos. São Paulo: FGV, 2014.

GOMES, Angela de Castro Gomes e HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MIGNOLO, Walter. Local Histories/Global Designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Pinceton: Princeton University Press, 2000.

RIBEIRO, Darcy. Tempos de turbilhão; relatos do Golpe de 1964. São Paulo: Global, 2014.